

Carlos Eduardo Carvalho Gabardo

As Situações Limite na Filosofia de Karl Jaspers

Brasília 2012

Carlos Eduardo Carvalho Gabardo

As Situações Limite na Filosofia de Karl Jaspers

Trabalho apresentado ao Curso de Graduação de Filosofia da Universidade de Brasília UnB, como requisito para graduação.

Orientador: Prof. Dr. Gerson Brea

Brasília 2012

SUMÁRIO

Introdução	2
2. Inseguranças e incertezas.....	6
2.1 Sofrimento.....	6
2.2 Morte.....	9
3. Situação	14
4. Situações limite.....	19
4.1 Saltos da Existência que Surgem nas Situações Limite	21
5. A Problemática da Existência.....	25
6. Conclusão	28
Referências Bibliográficas	30

INTRODUÇÃO

Muitos chegam à filosofia após ter procurado respostas para as perguntas essenciais em vários lugares e não ter encontrado em nenhum deles. Perguntas fundamentais como: por que sofremos ou por que nascemos se vamos morrer? Elas vão aos poucos sendo esclarecidas na medida em que se conhece mais da filosofia. Este esclarecimento não envolve a aquisição de novos conhecimentos, mas tão somente um modo diferente de ver as coisas. É nesse ponto que o filósofo Karl Jaspers se destaca. Sua concepção de filosofia toca em pontos que dizem respeito a estas perguntas e ele não admite que seu pensamento represente uma fuga aos problemas levantados por estes questionamentos.

Para Jaspers, a filosofia é a busca pelo autoconhecimento, apesar de ser quase impossível atingi-lo plenamente. Apesar do estudo das doutrinas dos filósofos do passado ser uma prática comum, Jaspers não reduz a filosofia a isto. O estudo das doutrinas, para ele, aparece como uma prática que ajuda o filosofar. É de certa forma, uma atividade complementar à outra mais fundamental. Pensar filosofia como um estudo até mesmo científico com um campo de conhecimento que possa ser objetivamente definido e adquirido é se afastar da filosofia. Segundo ele, filosofia “[...] é o pensamento que transforma a minha consciência de ser, pois, enquanto me desperta, me leva a mim mesmo nos impulsos originais cuja busca na existência me constitui.” (1932, vol. 1, p. 1)¹. O objetivo não é adquirir uma fundamentação sólida e firme para sustentar a pessoa, mas sim buscar entender melhor as perguntas e reflexões que surgem com estes impulsos originais de tentar esclarecer dúvidas do tipo ‘Por que todos morrem?’.

Jaspers insiste no ponto que, para filosofar, é necessário algo mais do que simplesmente entender os conceitos e estudar as linhas de pensamento. É necessário, para ele, que a filosofia seja “[...] um assunto de real preocupação do homem” (1932, vol. 1, p. 8)². Não é suficiente apelar para o intelecto do estudante, mas deve-se apelar também para sua consciência existencial. Isto porque, sem ela, a busca fica sem direção e acaba em uma busca por conhecimento, uma

¹ (...) it is *the thinking that transforms my consciousness of being* as it awakens me and brings me to myself in the original impulses whose pursuit in existence makes me what I am.

² (...) a matter of man's true concern.

busca pela erudição na qual nada importa e o foco é a curiosidade para encontrar novas maneiras interessantes de pensar. Mas isto também não significa que esta vontade de buscar aquilo que realmente preocupa o homem nas palavras de Jaspers é suficiente sozinha.

Apesar de verificar os limites da ciência, ele ainda busca manter o rigor dos testes científicos necessário para obter certeza de algo e ainda conseguir fazer a conexão com a nossa realidade, que fala com o indivíduo. Apesar de não ser possível chegar às certezas científicas na filosofia, um forte rigor parece necessário para que as etapas de investigação deste campo de conhecimento sejam realizadas de modo cuidadoso, restritivo e exigente. Desse modo, a concepção de atividade filosófica tratada aqui não é de uma prática lúdica que admite qualquer coisa, mas sim de algo sério.

Todavia, a filosofia não faz sentido se pensada como fórmulas, teses ou valores complexos, mas sim “[...] na ação interna que mexe ou reconhecidamente reflete.” (1932, vol. 1, p. 13)³. Nestes termos, ele define como tarefa da filosofia o pensar que coloca aquele que pensa em confronto consigo mesmo. A pretensão de chegar a resultados objetivos, definidos e absolutos é negada por Jaspers em toda sua obra. Ele reforça, dizendo:

Com a consciência metódica dos limites da ciência veio uma renovação de uma experiência antiga: que a cognição científica não pode nos guiar e que ela não consegue nem mesmo encontrar fundamentos para sua própria existência [...]. (1932, vol. 1, p. 13)⁴

Jaspers diferencia também a filosofia de tendências de auto satisfação emocional, romantismos imprudentes e da autodestruição da razão no chamado irracionalismo. Mesmo a filosofia se aproximando destas tendências ao se mostrar como uma atividade que busca respostas para o sujeito, o rigor científico e o compromisso que o filósofo realiza de não fugir dos questionamentos evita que a filosofia, na maioria das vezes, se confunda com elas.

Mais alguém poderia comentar que sua filosofia não tem substância ou firmeza alguma. Ela não se firma em nada; sua negatividade faz dela um ‘dogmatismo do não dogmático’. Apesar

³ (...) in the inner action which it stirs or recognizably reflects.

⁴ For with the methodical consciousness of the limits of science came a renewal of an old experience: that scientific cognition cannot guide us, that it cannot even find grounds for its own existence (...).

de muitos procurarem visões e entendimentos objetivos e absolutos do ser, não se deve buscar um entendimento do ser puramente objetivo e nem um entendimento puramente subjetivo. O fato de não ter visões objetivas e certas não deriva que todo entendimento será subjetivo e caótico.

O ser só pode ser estudado filosoficamente por quem tem verdadeira energia filosófica. E, para Jaspers, essa verdadeira energia é algo que ou você tem ou você não tem. Ela não pode ser adquirida somente pelo entendimento. E a pergunta primordial a se fazer a todos os pensamentos que encontramos é se essa energia se encontra no pensamento em questão. Além disso, ele diz: “O ponto é vir ao encontro com ela, do jeito que ela está, e não subordiná-la aos conceitos de espécie e tipo.” (1932, vol. 1, p. 29)⁵. Ao colocá-la em categorias e rotulá-la, esta energia perde sua força de movimentar o filósofo em direção à reflexão desprendida de conceitos já estabelecidos. Neste caso, a busca perde o sentido porque já está determinado o seu destino final. E ele faz questão de afirmar novamente que, como conhecimento válido, é impossível alcançá-la.

Ou seja, o objetivo desse trabalho é buscar entender a maneira que Jaspers encontra para tratar dessas questões e como a situação limite é um conceito fundamental neste ponto. De certa forma, o objetivo deste trabalho é buscar alguma forma de esclarecer esses problemas fundamentais por várias reflexões. Serão tratados alguns casos específicos de situação limite para facilitar a compreensão. Além disso, este trabalho buscará mostrar, mesmo que de modo pouco profundo, o que Jaspers entende por situação, situação limite e de que modo agir diante a última. Como que, mesmo sem ser possível adquirir conhecimento sobre estas questões, respostas definitivas e objetivas, podemos tratar dessas questões sem ter que fugir para respostas que, apesar de não terem fundamento firme e não resistirem a uma reflexão mais profunda, parecem ser necessárias para a sobrevivência.

Importante lembrar o que Jaspers disse na introdução do primeiro volume de sua obra *Filosofia*. O que foi pensado para guiar o espírito através dessa busca é então lançado à sorte. Não podemos controlar a busca ou seu resultado, mas mantendo certa fé filosófica, podemos esperar que uma busca intelectualizada e racional fosse feita. Então, recorreremos à tradição para ver quais caminhos já foram traçados e o que tinha no final deles (ou o que não tinha). Na

⁵ The point is to come face to face with it, as it were, not to subsume it under concepts of species or type.

tradição encontramos grandes pensadores que, pelo que chegou até nós, podemos considerar precursores do que estamos prestes a fazer. Não é possível também que a tradição nos leve para o esclarecimento da verdade, mas é possível que ela nos ajude a não repetir alguns erros passados.

2. INSEGURANÇAS E INCERTEZAS

A situação limite representa, para Jaspers, um ponto fundamental de sua filosofia. É a partir dela que o indivíduo perde a segurança que antes possuía, a certeza que antes o assegurava e realiza uma operação filosófica básica de questionar. Antes de entrar na estrutura da situação limite, alguns casos concretos como o sofrimento e a morte se mostram relevantes para facilitar o entendimento do leitor.

2.1 SOFRIMENTO

O sofrimento é associado a várias coisas. Há o sofrimento por ter falhado em algo, há o sofrimento por estar doente e por sentir dor física. Se um objeto que alguém goste muito é quebrado, esta pessoa sofrerá. Do mesmo modo, ao desejar algo muito e lutar muito tempo para alcançá-lo e fracassar, o sofrimento que esta pessoa sentirá será intenso. Há também o sofrimento por ter se apegado muito a uma pessoa, construído planos com ela e perder tudo isso quando a ela vai embora.

Em uma análise individual, cada caso aparece apontar para uma causa específica. A pessoa falhou porque deixou de fazer algo, ela está doente porque não fez o suficiente para manter-se saudável ou porque alguma pessoa não tomou o cuidado necessário para assegurar a saúde dos outros. Com a experiência, novos caminhos para evitar o sofrimento aparecem. Na doença, a pessoa vai para o médico e este indica o que é preciso para ela melhorar. No caso da pessoa que falhou em conseguir algo que desejava, ela mesma ou outras pessoas utilizam suas experiências para encontrar um modo que ela consiga o que quer. Desse modo, a pessoa realiza esforços contínuos para alcançar aquilo que a faz feliz e evitar aquilo que a faz sofrer. Jaspers descreve isto como sendo algo central, dizendo:

Eu luto contra o sofrimento na premissa que ele pode ser abolido. Eu realmente tenho algum sucesso nessa luta, o que vem a ser uma condição para a existência humana. Todos participam dela; todos, desde que sejam honestos e percebam a situação, irão batalhar com o maior esforço possível, por todos os jeitos racionais e empíricos que

aparentam promissores. O sucesso, é claro, será sempre limitado.
(1932, vol. 2, p. 202) ⁶

Essa luta depende do entendimento que o sofrimento é limitado e específico. Isto porque não é compreensível alguém se esforçar para conseguir algo sabendo que aquilo que está fazendo não atingirá o fim desejável. Se uma pessoa busca escapar do sofrimento, ela claramente acredita que é isto seja possível. Porém, para Jaspers, o sofrimento faz parte da vida inexoravelmente. Para ele, o sofrimento é necessário, ou seja, não é possível conceber uma pessoa que esteja protegida do sofrimento.

Uma maneira para tentar esclarecer isto é pensar nos graus de sofrimento em relação a um mesmo objeto. Se alguém é muito ligada a um pote autografado pelo seu artista favorito, provavelmente se sentirá um pouco mal se for danificado, como cair e ficar rachado e se sentirá ainda pior se for roubado. Porém, se algo com o qual essa pessoa não tem nenhuma ligação for roubado, dificilmente sentirá alguma coisa. O apego dessa pessoa com o objeto parece ser a causa do sofrimento. Neste caso, ela pode ficar muito feliz caso descubra um jeito de conservá-lo e deixa-lo ainda mais bonito, mas pode sofrer se algo o destruir. Então, o que ela faz para protegê-lo influencia de certo modo o que acontece com ele, mas é difícil imaginar um jeito que o impossibilita de sofrer qualquer dano.

Assim, como a possibilidade do sofrimento está contida em praticamente tudo que gostamos, fazemos e buscamos, e como não é possível imaginar um cenário em que uma pessoa controla absolutamente tudo (um cenário deste tipo seria por demasiado utópico); o sofrimento parece ser necessário. Contudo, para a pessoa entender isto, ela precisa passar por uma experiência esclarecedora. Algo que mostre que o sofrimento é parte necessária da vida e que não é possível viver sem.

Essa experiência esclarecedora não acontece todas as vezes que sofremos. Mesmo quando as pessoas não obtêm sucesso em superar o sofrimento, encontram novas formas para fugir dele. Neste ponto, é importante perceber que há dois estágios diferentes. No primeiro, ela se esforça e consegue superar o sofrimento, como quando consegue um divórcio de seu marido

⁶ *I fight suffering* on the premise that it can be abolished. I actually have some success in this fight, which comes to be a condition of human existence. Everyone takes part in it; everyone, as long as he is honest and perceives the situation, will ask himself to wage this battle with the utmost effort, by all rational and empirically promising means. Success, of course, will always be limited.

abusivo. No segundo, ela fica com o marido e cria várias formas de negar o que está passando. Em ambos, a experiência esclarecedora não acontece.

Logo que o esclarecimento ocorre, ou seja, quando a situação leva a pessoa a acreditar que o sofrimento é necessário e faz parte da vida, Jaspers fala que ocorre a situação limite. Neste caso, o sofrimento a impossibilita de encontrar alguma explicação que seja suficientemente plausível ou algum fundamento que seja capaz de protegê-la do que está acontecendo. A situação limite apresenta-se como algo que destrói as bases que a pessoa possuía. Alguém pode acreditar que, ao se esforçar bastante, conseguirá superar o sofrimento e remove-lo de sua vida, por exemplo; ou também pode acreditar que, por ter fé e ser religioso, acontecerão muitas coisas boas em sua vida e não irá passar por nenhum sofrimento que não for acima de sua capacidade; tudo isto são crenças, fundamentos que motivam a pessoa a continuar no seu cotidiano. A situação limite questiona e, de certo modo, também destrói isso.

A situação limite gera uma mudança no pensamento: o sofrimento que antes era circunstancial torna-se inevitável. Antes a presença do sofrimento no mundo era clara, entretanto essa ideia de que ele é inevitável possui um caráter mais pessoal. A pessoa não irá conseguir evitar o sofrimento, nas mais variadas formas que ele aparecer em sua vida. Isto, de certo modo, retira o que a motivava a lutar tão intensamente contra o sofrimento. Esta realização, se levada às últimas consequências, torna sem sentido toda a luta diária para escapar do sofrimento, o que dá lugar para uma atitude de renúncia.

Contudo, nem toda renúncia é resultado da situação limite. No caso da afirmação do sofrimento como fundamento da vida, como nos pessimistas; e também na inversão de valores onde o a dor vira prazer, como nos masoquistas; a renúncia se mantém como fundamento e distante da situação limite. A pessoa acaba “[...] nem na tranquila harmonia do sofrimento passivo nem no ódio da sombria incompreensão.” (1932, vol. 2, p. 203)⁷ O ponto levantado é que, no momento da situação limite pelo sofrimento, a pessoa não é capaz de dar sentido ao que está acontecendo. Ao estabelecer alguma teoria que explica o que aconteceu ou que nega de alguma forma a experiência que ela passou, ela estará fugindo da situação limite. Para não fugir, precisaria aceitar, de certo modo, a destruição da busca por um estado de felicidade plena.

⁷ I end up neither in the harmonious tranquility of passive suffering nor in the rage of dark incomprehension.

Mas é difícil imaginar um estado em que isto aconteça. Mesmo quando a pessoa não é capaz de dar sentido para o sofrimento que está passando e, naquele momento, viva a situação limite, logo em breve encontrará alguma forma de escapar dela. Jaspers caracteriza isso, duramente, como “[...] jeitos de se enganar.” (1932, vol. 2, p. 202)⁸ O fracasso que, em certo momento, não parecia ter sentido e colocava em dúvida todo o esforço e o que foi feito pode, em outro momento, reganhar sentido quando a pessoa descobre que se tivesse se esforçado de outra maneira, teria obtido sucesso. Desse modo, a situação limite no primeiro momento está presente, no entanto ela perdeu sua característica de limite no segundo momento, quando a pessoa conseguiu dar um sentido e, assim, transformar o sofrimento de algo necessário para algo que possa ser combatido e evitado.

A situação na qual a pessoa sofre e é incapaz de dar sentido, sendo assim situação limite, traz uma ideia que é esquecida quando um novo sentido é dado. A ideia da inevitabilidade do sofrimento, apesar de ocorrer dentro de uma situação limite específica, diz respeito a uma forma de pensar que parece reunir todas as situações limite no sofrimento. Aquele esquecimento que ocorre ao dar um novo sentido também não é total, pois é possível lembrar-se de fragmentos daquela experiência ao passar por outras semelhantes ou por uma reflexão posterior.

2.2 MORTE

O fim da vida física e mental é conhecido como morte, a destruição final e impossível de escapar de tudo que é associado com uma pessoa: seu caráter, suas qualidades, seus defeitos, seus planos e tantas outras coisas. A morte daquela pessoa representa, neste caso, o fim último dela. Outros modos de ver a morte são considerados, por Jaspers, uma fuga do que há por vir.

É conhecimento comum que todos irão morrer. No cotidiano, fazendo inúmeras coisas e se preocupando com tantas outras, a reflexão sobre a morte fica adormecida. A pessoa sabe que vai morrer, mas isso não é motivo de alarde naquele momento. Entre o que fazer hoje, amanhã e depois; o trabalho, as pessoas e a diversão; a morte fica esquecida. A pessoa tem consciência que morrerá, mas como isto é visto como algo muito distante e também improvável nos próximos anos, não é motivo para se ocupar dessa reflexão.

⁸ [...] I must look for ways of self-deception.

As pessoas ocupam os seus cotidianos com o que lhe interessam no momento. Seja construir uma carreira, um relacionamento, um corpo saudável, ou até mesmo só se divertir; todas essas coisas dão sentido para nossa vida, de uma forma ou outra. Algumas delas são feitas pensando no futuro, como a construção da carreira, outras são feitas visando somente o presente, como a busca pelo prazer ao assistir televisão. Se, por um lado, os atos visando o futuro buscam assegurar a pessoa de algo, cuja falta implicaria a sujeição ao caos e a sorte; os atos que buscam algo no presente, como o prazer naquela hora, não parecem se importar com preparações para algo futuro.

Olhando de forma separada, os atos que visam o futuro têm como objetivo construir algo que irá durar. Ora, tudo que construímos está sujeito à destruição, acabar com as oportunidades para determinada carreira e tantas outras coisas. Alguém poderia comentar que essa destruição é improvável. Porém, a morte é algo certo. É certo que qualquer coisa que a pessoa construir para seu futuro irá, inevitavelmente, ruir. A certeza de que seus esforços são, em última análise, inúteis está sempre pairando nos breves momentos de reflexão sobre a morte.

Uma objeção possível é que, apesar da morte ser uma certeza, as pessoas geralmente vivem por várias décadas antes de morrer. Sem dúvida, é muito difícil ter certeza de quando alguém vai morrer. No passar dos anos, as pessoas que conseguem afastar a reflexão sobre a morte de suas vidas vão constatando que a morte está realmente longe delas. E, ao pensar isto, a ideia de que o sujeito morrerá fica ainda mais fraca e indigna de reflexão. É semelhante ao que acontece com o sucesso em afastar o sofrimento, analisado previamente. E, do mesmo modo, a situação limite da morte está em admitir a necessidade da morte e a relevância dela na vida das pessoas.

Como no sofrimento, admitir a necessidade da morte significa admitir que, apesar das pessoas conseguirem atingir coisas extraordinárias em vida, apesar de o esforço possibilitar a mudança completa na condição de vida de alguém; apesar de todo esse potencial humano, não é possível escapar da morte. O sucesso que alguém tem ao enfrentar uma doença parece tirar das mãos do destino o fato que podemos morrer a qualquer hora e parece nos dar, pelo menos em parte, este poder. E é com ele que, mais uma vez, a necessidade da morte se distancia ainda mais. Jaspers deixa isto claro ao falar:

A morte como um fato objetivo da existência não é uma situação limite. Não existe tal tipo de situação para um animal, que não sabe sobre a morte. O homem sabe que irá morrer, mas este conhecimento é a expectativa de um ponto indefinido no tempo; enquanto o único papel para ele é fazê-lo evitar a morte, ela também não é uma situação limite para o homem. (1932, vol. 2, p. 193)⁹

Assim, as experiências de sucesso ao construir coisas duradouras e a falta de experiência com a morte motiva um modo de vida no qual a reflexão sobre a morte aparece como algo inútil. Portanto, é preciso que haja uma experiência com a morte. Neste sentido, há inúmeras possibilidades: a morte de uma pessoa querida, uma doença séria que traz à tona o fato de que todos são mortais, a morte de uma pessoa considerada saudável e de relativa proximidade com aquele que passa por esta experiência, entre outras.

Esta experiência não necessita que alguém morra ou chegue perto da morte, pois é possível que ela aconteça por meio de um filme, um texto ou até mesmo uma memória de algo que aconteceu. O importante é que, ao trazer a necessidade da morte como fato irrevogável, ela abala os modos de pensar que sustentam e fundamentam as atividades do cotidiano vistas como focadas no presente ou no futuro. Não está sendo negado que a motivação de tais atividades tenha ligação com o passado, mas é difícil imaginar algo que não altere o presente nem o futuro, mas sim o passado. E, ao abalar, a pessoa os questiona perante a certeza da morte.

Ao pensar no caso específico de alguém que uma pessoa ama muito morra, esta pessoa pode ter várias reações. Ela pode substituir a relação que tinha com aquela pessoa por uma nova relação. Ela também pode negar a morte como o fim e viver acreditando que ainda consegue se comunicar por meio de procedimentos espirituais. Nenhuma destas reações se caracteriza como situação limite.

Um modo de pensar a situação limite da morte, neste caso, seria imaginar que, se as pessoas mais próximas e queridas na vida de outra pessoa morressem, ela ficaria sozinha, solitária, se sentindo abandonada. Ao considerar a morte como o fim, não teria como considerar

⁹ Death as an objective fact of existence is not a boundary situation. There is no such situation for an animal, which does not know about death. Man knows he is going to die, but this knowledge is the expectation of an indefinite point in time; so long as its only role for him is to make him seek to avoid it, death is not a boundary situation for man either.

uma continuidade da relação na qual a outra pessoa seria parte ativa. Logo, com a sua morte, a relação acabaria também. Tudo aquilo que foi construído por muito tempo desaba em um instante. A solidão toma a pessoa e nada mais parece importar. A morte daquela pessoa querida faz com que a pessoa que ficou sozinha reflita sobre a morte, sobre como aquela relação que passou anos construindo não existe mais, sobre como seus fundamentos de que a morte está longe de mim e que vale a pena construir as coisas, antes tão firmes, agora tão instáveis, perto de cair.

Outro caso específico, talvez ainda mais próximo das pessoas e mais difícil de identificar, é a ideia que as pessoas têm de sua própria morte. Como não é plausível pensar na pessoa refletindo sobre sua morte após morrer, o que resta é experiências que a fazem lembrar sua mortalidade, seja com pessoas morrendo ou com um estado que ela mesma passe que seja próximo da morte, como uma doença grave. Porém, essa experiência não caracteriza ainda a situação limite. Isto porque, em geral, o conceito de morte varia bastante entre as pessoas, e é em um conceito específico de morte que a situação limite acontece.

Jaspers caracteriza este sentido da seguinte forma:

Empiricamente, a vida da alma está ligada aos órgãos físicos; a experiência de um sono sem sonhos, em retrospecto negativo, é uma demonstração empírica da não existência; a experiência patológica que a memória depende do cérebro nos mostra até mesmo a possibilidade de vida numa alma que está morrendo. O que é existência para nós é determinado por um mundo de sentidos, pela memória, pela vontade e consciência. (1932, vol. 2, p. 197)¹⁰

Portanto, ter uma experiência da morte desse modo significaria relativizar tudo que é construído, todo o esforço que é empenhado. É possível perceber que, em outro caso, isso não aconteceria. Se a morte é compreendida como uma simples passagem de um estado para outro, não há porque pensar em situação limite ou o fim da pessoa. Ela se esforça para viver uma vida virtuosa e depois da passagem irá colher os frutos de seu esforço. Neste caso, a morte não

¹⁰ Empirically the life of our soul is tied to physical organs; the experience of dreamless sleep, in negative retrospect, is an empirical demonstration of nonexistence; the pathological experience that memory depends upon the brain even shows the possibility of physical life with a dying soul. What is existence to us is determined by the world of the senses, by memory, by volition and consciousness.

aparece como algo que a faz questionar do sentido de sua ação, mas sim como algo que a motiva ainda mais a agir de tal forma.

Do mesmo modo, não está ainda em situação limite aquele que concebe a morte como irrelevante e busca o máximo de prazer enquanto está vivo. Este tipo de resposta não acolhe a morte como algo necessário na vida e que impacta em todos os aspectos de sua vida, mas sim a mantém como algo que pode ou não acontecer em breve e que não merece muita reflexão.

A morte de uma pessoa, para ser caracterizada como situação limite, deve apontar para o desconhecido, o que Jaspers chama de “[...] o absoluto de não saber.” (1932, vol. 2, p. 195) ¹¹ Um tipo diferente de sofrimento que não vem de algo conhecido, mas sim de um vazio que a pessoa não é capaz de dar sentido algum. O silêncio que vem deste vazio traz consigo a questão do que sou. A existência, incapaz de responder esta questão, busca modos de se enganar, de dar sentido à vida ignorando a morte, de modo que, ao se deparar com a morte em outra situação, este novo sentido não se sustentará. Estes modos de auto decepção, por mais variados que sejam, envolvem basicamente a atividade elucidada: dar um novo fundamento a vida, um sentido que seja capaz de sustentar a pessoa, dando base para seu ser.

Partindo do pressuposto que esta vida é tudo que há, que uma pessoa, quando morre, deixa de ser; a existência não consegue eliminar o medo da morte sem eliminar, antes, algum desses fatores. A eliminação, na maioria das vezes, ocorre pelo esquecimento. O medo da morte é esquecido em face de várias novas atividades que não deixam espaço para ele se manifestar. Corajoso, neste sentido, é aquele que aceita e agarra sua condição de mortal e não estremece diante este medo. É aquele que, apesar do medo corroer cada parte de seu ser, não o ignora ou o afasta. É desse vazio, diz Jaspers, que alguém é capaz de se encontrar.

Porém, essa coragem não é um estado permanente. A pessoa que, em determinado momento, agiu corajosamente diante da morte em razão de algum acontecimento, por exemplo, não demorará a esquecer desta experiência e embarcar em mais uma jornada em busca de algum objetivo na vida. Ao refletir sobre a situação limite, ao viver novas experiências e ao agir de modo corajoso que a pessoa reganha este estado. Por ser altamente destrutivo para a pessoa,

¹¹ [...] the *absolute of not knowing*.

como num instinto de alto preservação, ela rapidamente se esforça para esquecer a morte e dar um novo sentido a sua vida.

A morte, para a Existência, se revela como algo que abre caminho para a imortalidade. Todavia, essa imortalidade não é da pessoa. A pessoa irá morrer. A imortalidade da Existência aponta para algo além dela mesma: algo como a verdade. Não podendo negar o fim último de todas as coisas dos sentidos, sou jogado a um vazio sem nome que me leva a uma reflexão sobre algo maior e mais abrangente: a Existência.

3. SITUAÇÃO

Como indivíduo, vivemos a maior parte do tempo seguindo rotinas que não são pensadas. O cotidiano é, na maior parte do tempo, uma repetição de rotinas que vão sendo estabelecidas com o passar do tempo. Não está sendo dito que elas não podem ser alteradas. Seu caráter dinâmico e adaptativo faz com que as rotinas se adequem às mudanças de nossas vidas. Porém, no que diz respeito ao modo que ela aparece para nós, a ação é feita de modo irrefletido, como ir para o trabalho ou almoçar. Tudo parece de certa forma automático, normal e familiar. Assim, o que vivemos no cotidiano é, de certa forma, não refletido. Porém, quando acontece algo fora do normal, fora do esperado, isso muda. Quando, por exemplo, alguém quase sofre um acidente de carro ou encontra com alguém inesperado durante o almoço, pensa-se no que aconteceu, exatamente por ter sido diferente do que era esperado.

Tanto no caso de almoçar sem nada de diferente acontecer quanto no caso de algo acontecer que gera reflexão, os dois casos são definidos por Jaspers como situação. A diferença é, portanto, que no primeiro caso a pessoa não tem ciência de estar naquela situação específica, dos elementos envolvidos nela e das particularidades daquela situação. Com a mente preocupada com outras coisas e sua ação quase que mecânica de almoçar, aquele almoço, para aquela pessoa, foi um almoço normal. Isto leva a um pensamento de que essas ações irrefletidas tendem a colocar a situação específica sobre um conceito geral. Neste caso, imaginemos que foi o almoço do dia 25/03 e que havia três pessoas de camisa vermelha e uma delas estava mancando. Vários elementos tornam a situação única, porém enquanto nenhum chama a atenção daquela pessoa e a

faz pensar que algo não está como esperado, o almoço do dia 25/03 irá cair sobre o pensamento geral de, por exemplo, um almoço na universidade. Neste ponto, é estabelecida a ligação entre a generalização de uma situação com seu comportamento irrefletido.

Jaspers define a situação de um modo mais científico. Ele explica:

Quando eu imagino uma situação, eu a vejo como o arranjo das coisas, como essas coisas estão organizadas, podendo ser pensada numa perspectiva espacial. Ela é uma realidade para um sujeito que tem interesse nela e certa participação como existência empírica, seja como limitação para si mesmo ou como margem de manobra. (1932, vol. 2, p. 177)¹²

Ou seja, voltando no exemplo do acidente, no caso em que os carros quase colidiram, a posição daquele carro, a velocidade que o carro estava, percebido por a pessoa como muito acima do limite permitido da via, por exemplo, e tantos outros fatores integram a situação. Ela é sentida por ela e este entendimento da situação a define. A própria pessoa define, a partir do que percebeu e conseguiu capturar, a situação em que se encontra. Isso não quer dizer que ela imagina o que quer, mas sim que o modo que ela, através dos sentidos e dos processos mentais, captura os elementos da situação que determina seu entendimento. No caso do acidente, se ela viu o carro no retrovisor e pensou que dava tempo para virar, ou se ela lembrou que, quando o carro parece que está longe no retrovisor, ele está mais perto; tudo isso constrói a situação. E é a partir dessa situação que a pessoa decide. Por isso Jaspers diz que ela representa limitação ou margem de manobra, dependendo do ângulo. Se ela podia virar e, na visão do retrovisor, pensou que não dava, isto a limitou. Ela não conseguiu virar, foi limitada pelo entendimento da situação na qual o outro carro não deu essa opção a ela. Porém, há casos que a pessoa busca agir em sua situação empírica para alcançar seu objetivo. Se ela tivesse muito atrasada, poderíamos imaginar que o carro estando lá em um ponto que arrisca a batida não a impede de virar e fechar o outro carro. Neste sentido que está sendo pensada a margem de manobra. A pessoa, ao ver o carro lá e entender que virar significa arriscar bater, está dentro de uma situação. Nela, a pessoa pode decidir várias coisas. Porém, mesmo no caso que ela vira e fecha o outro carro, no caso da

¹² When I imagine a situation, I see it as the relative location of things, as their topographical arrangement in space. This spatial-perspective conception makes me think of the situation as a reality for an existing subject who has a stake in it, a subject either confined or given leeway by the situation.

margem de manobra, essa margem não significa que tudo é possível. Ao ela ver o carro naquela posição, a pessoa não tem mais a opção de virar sem arriscar bater. É uma decisão limitada, mas não absolutamente.

Mas há outro aspecto importante da situação: “Ela é uma realidade referida a sentido.” (1932, vol. 2, p. 177) ¹³ Nós definimos este sentido a partir do que nos levou àquela situação e de que modo estamos percebendo-a. É como se fosse o nosso foco nela, a maneira que orientamos os fatores na situação. Voltando ao exemplo da ida para o trabalho de carro, se eu estou atrasado, a situação vai sendo construída em referência a isto. Obras sendo feitas e bloqueando metade da rua são, neste momento, vistas como algo que me limita. Mas se eu só tivesse passeando pela cidade, a obra estaria referida a outro sentido e eu poderia ficar contente por estarem finalmente consertando aquele trecho.

Esses fatores que compõe uma situação não são estudados e analisados por só uma ciência. Os fatores sociais, econômicos, psicológicos e tantos outros são estudados por várias ciências. E até mesmo o nosso conhecimento da situação em que estamos no momento é limitado. Como só vemos a situação como geral e orientada para um sentido, não é possível ver a situação completa. E até porque “[...] a situação com todas as possibilidades nunca é questionável.” (1932, vol. 2, p. 178) ¹⁴.

Ao agir em uma situação, a pessoa possui um conhecimento parcial dela, vendo-a em um esquema; sua ação é limitada não só pela situação, mas também por ela não saber de todos os elementos envolvidos na situação. E até mesmo quando ela se torna ciente de alguns elementos durante a situação, sua consciência deles se torna um novo elemento na situação que irá modificá-la. Um dos jeitos de refletir sobre uma situação é olhando em retrospectiva, passando pelos elementos que escapavam do esquema geral que a pessoa possuía.

Como vamos passando por situações diversas, apesar de encontrarmos alguns elementos em comum entre elas, não há como pensar em um cenário específico como sendo ‘a situação’. As características específicas de cada situação, o arranjo das coisas nelas é tão diverso que até mesmo a tentativa de fazer isso parece nos levar a uma situação que a própria consciência a

¹³ It is a sense-related reality...

¹⁴ (...) although as a whole, with all its possibilities, it is never surveyable.

modificaria. Jaspers diz claramente que situações permanecem enquanto elas se transformam. A ideia de situação não está ligada a um cenário específico ou a elementos pré-configurados, mas sim a transformação deles. Tenho, até certo ponto, que aceitar as situações como dadas. Porém, não posso aceitá-las como definitivamente dadas porque ainda tem uma chance de transformá-las mesmo no sentido que posso calcular e ocasionar situações em que vou agir como dadas de agora em diante. Desse modo, em alguns casos, nós criamos situações.

Nós criamos situações quando nossa resposta para uma situação prévia cria as condições de uma nova situação. Isto diz respeito à margem de manobra que nos é dada em certas situações. No caso de alguém conseguir usar essa margem de manobra para agir e essa ação transforma a situação em que ele se encontra, pode-se dizer que ele criou uma nova situação. Quando alguém sai do carro ao chegar ao trabalho, de certo modo, ele sai de uma situação para entrar em outra. Ela pode estar sendo criada por ele ou ela pode se apresentar como dada para ele. Por exemplo, ele pode jogar seu celular no chão e quebrá-lo ou alguém pode esbarrar nele e o celular quebrar ao bater no chão. Nos dois casos, a situação se transformou, porém a responsabilidade da mudança da primeira situação é da pessoa em questão, enquanto da segunda situação é da outra pessoa que esbarrou nele. Mas isso não muda o fato de ele estar naquela nova situação, que de agora em diante ela será dada para ele.

O indivíduo que se encontra em uma situação pode ter várias abordagens diferentes em relação a ela. Essas abordagens são um reflexo de como ele entende a situação, dependendo de como ele a vê. Ele pode considerar que as forças envolvidas na situação são de tal magnitude que não pode fazer nada a respeito. Ele pode também considerar que tudo é possível, que só depende da vontade dele e que se quiser algo, a única coisa que poderia ficar no caminho seria sua vontade fraquejar. Porém, a visão de Jaspers difere dessas duas. Quando ele fala que devemos aceitar as situações como dadas, mas não definitivamente dadas, ele parece estar discordando dessas duas visões. Por ela ser dada, ela estabelece certas limitações a minha ação, ou seja, mesmo eu querendo, certas coisas estão fora do alcance. Mas por ela não ser definitivamente dada, eu ainda tenho meios de para agir nela, para tentar transformá-la em algo diferente do que me foi dado.

Além de muitas dessas situações ocorrerem ao mesmo tempo, muitas delas estão ligadas entre si. Essas ligações são estudadas por várias ciências, mas algumas vezes aparecem para nós

de forma acidental. Um exemplo que parece mostrar isto é quando nos encontramos em uma situação que estamos esperando por algo acontecer, mas está demorando mais do que o esperado. O efeito da segunda situação na primeira aparece para o indivíduo quando o que aconteceu não está de acordo com o esquema geral da situação, que nos faz pensar na situação específica em que estamos, com seus elementos particulares e não gerais.

Como dito antes, geralmente estamos em situações que são, para nós, irrefletidas. Os aspectos particulares aparecem na medida em que pensamos em retrospecto ou quando a situação não ocorre de acordo com o esquema geral. Porém, dificilmente vão existir duas situações exatamente iguais, com todos os fatores iguais e com exatamente o mesmo arranjo das coisas. Este é o conceito de singularidade. Nós organizamos desse modo porque facilita nossa vida não ter que pensar em todos os aspectos de todas as situações que vivemos durante o dia. Mas quando vamos analisar, a quantidade de diferenças daquela situação concreta e particular com os esquemas gerais irrefletidos nos leva a pensar que os esquemas realmente não desempenham um papel descritivo da realidade, mas sim estabelece um guia geral para nós aplicarmos o que for mais parecido com a situação em que nos encontramos.

O indivíduo, enquanto se encontra em situações referidas a um sentido que podem ser estudadas pelas ciências naturais e sociais, é definido por Jaspers como existência empírica. Ele precisa desse conceito para conseguir diferenciar uma resposta a algo, como a morte de alguém que amo, como sendo situação ou situação limite. São os fundamentos da existência empírica que são abalados na situação limite. Se for pensada uma resposta que provém da existência empírica, ainda não foi alcançada a situação limite. Jaspers faz uma ligação forte da existência empírica com a situação, separado da situação limite que diz respeito a algo diferente, a ser explorado logo mais.

A existência empírica é um conceito desenvolvido por ele que liga tudo que pensamos de nós mesmos, nosso nome, profissão, virtudes, etc. com ela e, depois, nós nos identificamos com nossa existência empírica. Ela representa nossas conquistas no mundo, tanto materiais como intelectuais e até emocionais, como campeão mundial de algo, terceiro lugar no vestibular, etc. Ela não é definida absolutamente, ou seja, está, como a situação, em constante mudança. Jaspers escreve, anos depois, após refletir nas várias definições que foram dadas ao longo da história para o homem, que:

Cada uma dessas definições leva em conta uma característica, mas o essencial não está presente: o homem não pode ser concebido como um ser imutável, encarnando reiteradamente aquelas formas de ser. Longe disso, a essência do homem é mutação: o homem não pode permanecer como é. Seu ser social está em evolução constante. Contrariamente aos animais, ele não é um ser que se repete de geração para geração. Ultrapassa o estado em que é dado a si mesmo. O homem nasce em condições novas. (1965, p. 47).

A necessidade das outras pessoas e de nós mesmos nos definirmos como algo é forte. Desde o primeiro encontro de duas pessoas, elas vão reconhecendo características de cada uma e usando isso para se definirem. E, a cada novo encontro, algumas características vão mudando enquanto outras vão se fortalecendo. Essas características são associadas ao que a pessoa é: seja a profissão, o caráter, sua atitude. Jaspers parece querer nos alertar para não confundirmos características da existência empírica com o que seria a essência daquela pessoa, o que ela realmente é. E o foco dele não é tanto fazer isto com alguma outra pessoa, mas sim definir a si mesmo. É comum o homem se identificar com sua existência empírica, mas Jaspers abre caminho para algo diferente, ou seja, uma pessoa pode ter várias características e isso ser marcante em sua relação consigo e com os outros, porém ela é, em essência, mutação.

Apesar da nossa existência empírica não poder ser limitada a uma definição específica, como o homem é um animal político, existem algumas situações que estão presentes em todos nós. Uma delas, e talvez a mais fundamental de todas, é que estamos sempre em situações. Não há um espaço neutro em que não há condições econômicas, biológicas, sociais, psicológicas, etc. ou em que as coisas não estejam organizadas de alguma forma. Estamos sempre em situações. Como essas situações apresentam, de certa forma, limitação; então estamos, de certa forma, sempre limitados.

4. SITUAÇÕES LIMITE

Existem também outras situações que estão sempre presentes, apesar de se manifestarem de maneiras diferentes para cada um de nós, como a morte, o sofrimento, a culpa, a luta contínua que travamos durante nossa vida, etc. Todas elas têm um ponto em comum: elas representam o

limite da existência empírica. Não o limite apresentado antes que impede alguém de escolher determinadas coisas, mas um limite a toda existência empírica. Na morte, a existência empírica cessa. No sofrimento, ela vai decaindo de modo a limitar a existência empírica como um todo. Como Jaspers diz: “Elas são como uma parede contra a qual nos deparamos, uma parede em que batemos e fracassamos. Não podemos modificá-las, apenas torná-las mais claras, mas sem explicar ou deduzir elas a partir de outro.” (1932, vol. 2, p. 178) ¹⁵ Jaspers as chama de situações limite. Elas são consideradas limite exatamente porque é um ponto que a existência empírica não consegue atravessar. Quando a existência empírica se defronta com a situação limite, algumas vezes ela fecha os olhos e tenta ignorar, outras vezes tenta encontrar respostas dentro do mundo, mas fracassa. Como Jaspers disse: “[...] mas no final não podemos fazer nada além de nos render. O jeito significativo de reagir às situações limite é, então, não por planos ou cálculos a fim de superá-las...” (1932, vol. 2, p. 179) ¹⁶.

Isso acontece porque as situações limite desvelam o limite da existência empírica. Que eu sempre estou em uma situação, que eu vou morrer e muitos outros exemplos são situações que vão estar sempre presentes, mesmo quando eu quiser evita-las. As tentativas de evitar as situações limite são diversas. Elas vão desde respostas já estabelecidas em certas situações, como na morte de uma pessoa querida, até a imersão em atividades mecânicas que não exigem uma reflexão mais profunda. Essas atividades vão desde jogos, brincadeiras, etc. até mesmo um labor. Enquanto o primeiro modo de evitar a situação limite consiste em uma resposta, geralmente atribuindo a situação a coisas do mundo (um exemplo seria ignorar o sofrimento como uma condição da existência empírica e atribuir o sofrimento a alguma causa específica), o segundo modo é somente uma distração da situação limite, você não responde a pergunta que a ela traz, mas também não pensa na pergunta.

O jeito que Jaspers encontrou para tentar pensar uma maneira de pensar as situações limite e clarificar o que ela representa é deixar de nos identificarmos somente com a existência empírica. Para isso, ele cria um novo conceito: Existência. Ele chega a dizer que “Experienciar

¹⁵ They are like a wall we run into, a wall on which we founder. We cannot modify them; all we can do is to make them lucid, but without explaining or deducing them from something else.

¹⁶ (...) but in the end we can do nothing but surrender. The meaningful way for us to, react to boundary situations is therefore not by planning and calculating to overcome them...

situações limite é o mesmo que a Existência.” (1932, vol. 2, p. 179) ¹⁷. Do mesmo modo que a situação está para a existência empírica, a situação limite está para a Existência. A possibilidade dela está em todos nós e ela se revela quando a existência empírica falha ao tentar evitar a situação limite. Algumas vezes, as tentativas da existência empírica não parecem fazer sentido para nós, por isso, mesmo que por um curto período de tempo, abrimos os olhos e contemplamos a situação limite. Jaspers diz que isso acontece num salto.

4.1 SALTOS DA EXISTÊNCIA QUE SURGEM NAS SITUAÇÕES LIMITE

A referência à palavra salto¹⁸ não aparece por acaso. Não é um caminho lógico que um passo leva ao próximo. Não é um processo contínuo que a pessoa passa. Estar em um ponto do caminho não significa certeza que, ao continuar nele, chegará ao próximo. O salto consiste, então, num novo movimento que traz consigo um novo cenário, diferente do anterior. Ele representa uma decisão que, de certa forma, possibilita a Existência.

A existência empírica procura se expandir no mundo, adquirir mais conhecimentos, conquistar mais coisas. Seja profissionalmente, ao realizar cursos e buscar melhores oportunidades; seja emocionalmente, ao se relacionar com as outras pessoas para conseguir satisfação emocional; ela sempre busca se realizar nas mais diferentes áreas. Ela pode obter sucesso ou fracassar, mas isso não muda a sua orientação no mundo, ou seja, seu estado de existência empírica. Ao fracassar de uma forma, ela busca modos para não fracassar de novo, então o que muda neste caso é o meio utilizado nesta busca. Diversamente dela, podemos nos manter numa contemplação intelectual vazia do mundo. Esta contemplação, ligada com a situação limite, não busca nada em específico. É um estado que busca todas as coisas, buscando conhecer o que é. Para entender melhor essa contemplação e não confundir ela com uma simples divagação da existência empírica, temos que pensar na situação limite. Somente com ela que essa contemplação ocorre. Tudo que diz respeito a ela ocorre porque, na situação limite, experimentei esse vazio que agora contemplo.

¹⁷ To experience boundary situations is the same as Existenz.

¹⁸ A referência sobre a palavra ‘salto’ aparece em outros autores da Filosofia da Existência, como em Kierkegaard. Ele usa o conceito do salto para falar do momento em que transcendemos. Em seu caso, a transcendência era caracterizada por uma forte presença religiosa, mas Jaspers se apropria desse conceito na parte que fala que a decisão de transcender é um ‘salto no escuro’, salto exatamente por não haver uma continuidade do pensamento racional para o transcendental.

Após o fracasso da existência empírica diante de uma situação limite, a contemplação aparece como um lugar seguro, um lugar de onde é possível vislumbrar, analisar e pensar sobre o que aconteceu. Apesar de não ser da mesma intensidade e ter os efeitos devastadores da situação limite, ela serve para refletir sobre o que aconteceu, buscar entender o que essa experiência significou e também suas consequências. Não é o lugar para construir novos paradigmas que vão cair na próxima situação limite, mas sim um momento para organizar as ideias e o modo que o mundo aparece para tal pessoa.

Além disso, é na contemplação, diz Jaspers, que a pessoa se encontra. Essa referência é significativa. Não é na existência empírica, na qual somos tantas coisas, como matemático, campeão de alguma coisa, marido de tal pessoa, mas sim nessa contemplação que provém da situação limite que a pessoa é ela mesma. A contemplação ganha um status elevado ao ser o que possibilita alguém aproximar de algo que parece ser o seu ser. Ele esclarece ao dizer que “Com uma independência que surpreende, embora vazia, eu encaro até a minha própria existência empírica como se ela fosse a de um estranho.” (1932, vol. 2, p. 179) ¹⁹.

A contemplação representa o primeiro salto. Jaspers divide o caminho da existência empírica para a Existência em três saltos. O primeiro salto é o momento que nos faz estranhar a existência mundana e deixar de nos identificarmos totalmente com ela. Ele nos leva a pensar em outras possibilidades, algo que não fracassa diante a situação limite. Algo que nos ajudaria a esclarecer a existência permanente da morte, do sofrimento e de eu estar sempre em situações na minha existência empírica. Neste ponto, eu começo a me aproximar da Existência. Ainda estou longe, porém o germe da possível Existência está exatamente em eu estranhar a minha existência empírica e me abrir para outros caminhos. Por essa contemplação deixar de lado a existência empírica, por um momento eu transcendo e busco fora do mundo uma resposta para a situação limite. Assim que penso que esta busca está concluída, isto me prepara para voltar ao mundo.

O segundo salto consiste em filosofar sobre a situação limite, sobre minha contemplação e sobre mim mesmo. Com ajuda das obras dos pensadores, conversando comigo mesmo e com outras pessoas, procuro pensar no que estaria além da existência empírica, como as situações limite me ajudam a chegar a mim mesmo e como algo como a Existência é possível. Depois da

¹⁹ With an independence that is astonishing, albeit empty, I even face my own existence as if it were a stranger's.

situação limite não ser descartada pela existência empírica no primeiro salto, agora ela é vista como algo que irá me ajudar a encontrar o que procuro. Apesar de a situação limite ameaçar a existência empírica, ela parece ajudar no processo de me identificar com a Existência. Esta ideia da situação limite ameaçando a existência empírica é a razão que faz a existência empírica procurar de todas as maneiras jeitos de evita-la. E eu filosofo exatamente para, ao invés de eu procurar novos jeitos de ignorar as situações limite, clarificar elas como possibilidades do meu ser.

Nas situações, busco conhece-las e entende-las a fim de superá-las. É como quando estou com algum problema, passo um tempo pensando em possíveis soluções até que acho a resposta para o problema e o resolvo. Agimos assim na maioria das situações. Porém, existem situações que não consigo escapar, situações que não as vejo completamente. São essas situações, as situações limite, que não consigo controlar ou superar por meio do conhecimento; só posso compreendê-las existencialmente. Desse modo, o ser no mundo vira uma mera dimensão do ser pelo conhecimento e a Existência vira algo para ser ou não ser. Os meios usuais para entender e superar a situação não funcionam nas situações limite. Jaspers diz que:

[...] a orientação no mundo não levará mais a um mundo conclusivo, a historicidade de onde eu vim não conseguirá se tornar completa, a esfera incluindo todas as Existências não poderá ser construída no imaginário, a diversidade da verdade não poderá mais ser aceita como diversa, mas sim como sentida por um verdadeiro ser em si mesmo. (1932, vol. 2, p. 180-181)²⁰

Assim, os meios levam a fins diversos dos que vemos nas situações. Na situação limite, o objetivo não é um conhecimento válido, um conhecimento que irá possibilitar a superação da situação. O objetivo nas situações limite é tão somente esclarecer o que ela representa para nós, em um salto da cognição do ser em si mesmo para a consciência de sua possível Existência.

Porém, o filosofar não é propriamente feito pela Existência. Após nós nos depararmos com uma situação limite e não fugir ou ignorá-la, abrimos caminho para filosofar e contemplar o que passamos. Eu a faço como possível Existência. Ela não alcançou a realização existencial, o

²⁰ (...) no more than world orientation will yield a conclusive world, no more than the historicity I come from will become a whole, no more than a Boundary Situations realm including every Existenz can be constructively imagined, no more than the diversity of truth can be known as diverse rather than merely felt by a true self-being.

corpo fenomênico da Existência, mas já abre caminho, como se tivesse preparando o terreno para chegada da Existência. Nesse ponto, a situação limite deve ser vista como única, uma experiência que é entendida como realização na existência empírica pessoal que assegura a Existência dela mesma e marca seu aparecimento. Se fossemos pensar somente de modo objetivo, iríamos generalizar a situação em que nos encontramos e tentar encontrar alguma categoria para inserir nossa experiência, perdendo o caráter único e, portanto, a Existência. Então, assim como o filosofar para esclarecer a situação limite representa a passagem da existência empírica para a possível Existência e o segundo salto, esta realização única que marca o aparecimento da Existência representa a passagem da possível Existência para a Existência real e o terceiro salto. Estes saltos não acontecem de modo adequado e programado, como nas leis da descoberta, mas sim em ações internas da consciência que me levam a saber algo que, de certo modo, eu já era antes da realização.

Para entender melhor os três saltos, Jaspers diz:

[...] o primeiro, na visão que duvida de todas as coisas, me leva da existência empírica para a *real solidão do conhecimento universal*; o segundo, tendo em vista meu envolvimento necessário num mundo no qual eu fracasso, me leva a um estado contemplativo das coisas para o *esclarecimento possível da Existência*; e o terceiro me leva da possível Existência para a *Existência real nas situações limite*. O primeiro me leva a filosofar em visões mundanas; o segundo, filosofar em esclarecimento existencial; e o terceiro, viver filosoficamente como Existência. (1932, vol. 2, p. 181, 182)²¹.

Os saltos estão intimamente ligados entre si. Eles não podem ser realizados separadamente. Qualquer salto realizado separadamente perde seu efeito e transforma-se em um movimento da existência empírica, se afundando em paixões desconcertantes, virando um forte egoísmo que não busca um esclarecimento, mas tão somente um conhecimento.

²¹ (...) the first, in view of the dubiousness of all things, takes me from mundane existence to the substantial solitude of universal knowledge; the second, in view of my necessary involvement in the world in which I fail, takes me from a contemplation of things to the elucidation of possible Existenz; and the third takes me from existence as possible Existenz to Real Existenz in boundary situations. The first leads me to philosophize in world images; the second, to philosophize in existential elucidation; and the third, to live philosophically as Existenz.

Os saltos também se alternam: algumas vezes ocorre o segundo salto e só depois o primeiro. Isso porque o esclarecimento existencial do segundo salto pode levar a uma nova situação limite que poderá levar a um curto período de tempo como Existência real. Nenhum desses saltos é definitivo. Estes pulos vão acontecendo na medida em que deixamos nossos olhos abertos para o que acontece ao redor e com nós mesmos e eles levam a algo transcendente que está além do conhecimento empírico e deixa para trás também o filosofar sobre possibilidades específicas. No lugar disso entra o filosofar que está permeando todo pensamento.

5. A PROBLEMÁTICA DA EXISTÊNCIA

A Existência aparece então como um tipo de solução para a situação limite. Se o que permanece após a situação limite é a Existência, então parece que as respostas estão ligadas a ela. Porém, não há como defini-la em termos objetivos. Não é possível adquirir conhecimento de uma experiência que a envolva. Para explorar isto melhor, primeiro buscaremos entender como se dá o pensamento.

Como todas as palavras, os pensamentos também são realizados por meio de distinções. Pode-se dizer que alguém possui conhecimento de algo quando há duas possibilidades opostas para um possível objeto e uma delas é eliminada. Por isso Jaspers diz que “Saber é saber como não contraditório, tendo eliminado as contradições.” (1932, vol. 2, p.218) ²² Neste sentido, a motivação trabalha da mesma forma. São apresentadas várias possibilidades de ação e algumas são eliminadas em detrimento de outras. É possível então concluir que há motivação para aquelas que não foram eliminadas.

Não obstante, a Existência se recusa a ser definida. Nas situações limite específicas que foram estudadas, uma estrutura antinômica se revelou. Ao falar que nem a aceitação pacífica e nem a luta feroz contra a morte constitui a situação limite, Jaspers parecia já apontar para isso. Nela, não é possível excluir possibilidades para formar um conceito objetivo. Nas tentativas de fazer isto, aparecem antinomias para tirar de novo o chão que o suportava. Na situação limite, a Existência não supera a situação, mas apenas a clarifica. As soluções, quando aparecem, são

²² To know is to know as noncontradictory, having eliminated contradictions.

somente para situações específicas. Assim que se tenta concluir uma explicação que abrange a Existência, aparecem antinomias para evitá-la.

Por extensão, a estrutura da existência, apesar de poder ser definida em casos concretos, mantém-se também como antinômica ao ser analisada completamente. É por isso que os casos temporais e concretos possuem soluções, como problemas profissionais ou pessoais específicos, porém quando se depara com problemas que envolvem a totalidade do ser, ou seja, aquelas perguntas fundamentais exploradas no início do trabalho, não é possível uma resposta que elimina as outras. Uma resposta objetiva, atemporal e geral é dissolvida pela situação limite; deixando-nos sem base para saber o que é com certeza.

Outro jeito de ver esse problema é como espectador. No lugar de analisar a situação e buscar a resposta dentro dela, é possível tentar de fora. Através de várias observações, o espectador tentaria desvendar a estrutura da existência ao ver o que acontece e o que não acontece, tentando eliminar assim algumas visões dela para ir, aos poucos, definindo-a. Se o conceito for sendo criado a cada caso específico, uma possibilidade que foi excluída no caso passado volta no caso presente, reiniciando assim a antinomia. Por outro lado, se um conceito abstrato for pensado que é capaz de abranger todos os casos concretos, deixando de lado assim a definição histórica de cada situação, perderia seu poder de explicar o mundo e passaria a ser um fundamento para as pessoas se sustentarem.

Nos dois casos, perde-se a situação limite. É importante notar que não está sendo definida a impossibilidade de criar esses conceitos abstratos ou explicações gerais que resumem vários casos concretos. O que se tenta defender é que, ao fazer isso, a pessoa abdica de seu compromisso de tentar entender a estrutura da existência e se satisfaz com essa base. Jaspers esclarece este jeito de se cegar, falando:

Eu exprimo alternativas intelectuais e faço escolhas geralmente válidas favorecendo um lado. Tais decisões definitivas, para serem simplesmente seguidas no caso concreto, são tentadoras por sua clareza racional e confortáveis porque elas me permitem renunciar à meditação histórica que envolve o perigoso ato de escutar às sombrias reivindicações da realidade na minha situação concreta. Os princípios obtidos estão lá para me aliviar ter de pensar as coisas até as últimas

consequências. Eu sou direto e contundente, mas a certeza que eu tenho nestas ações deixa de lado o meu ser. Ela é basicamente um tipo negativo de ação, com consequências substantivamente destruidoras. (1932, vol. 2, p. 220)²³

Assim, deve-se evitar fugir da estrutura antinômica da existência. É claro que há situações que deixam pouco campo de ação para o indivíduo, levando em conta tanto as condições específicas da situação como a mente que ele cultivou. A situação limite aparece, então, como uma escolha. Tanto as novas situações como a reflexão das situações passadas nos possibilita escolher diferentemente.

Porém, não está sendo defendido aqui um pensamento que busca sofrimento, morte ou outros tipos de situação limite. É importante insistir que não é a situação em si que leva o indivíduo em contato com sua Existência, mas sim sua resposta diante a situação. É difícil e até mesmo absurdo pensar num esclarecimento filosófico forçado por alguém que causa dor no outro. Por ser forçado, é mais provável que a pessoa que sofreu culpe àquele que causou seu sofrimento e, no ódio, não passe por nenhuma situação limite. Até mesmo porque a morte e o sofrimento fazem parte da vida. Não há porque ir buscar algo que já está presente. O que está sendo defendido é que estas situações, quando não fechamos os olhos e buscamos um abrigo, nos dão uma chance para revelar o ser.

Com a impossibilidade de se atingir qualquer conhecimento objetivo e geral a partir da situação limite, com a existência sendo limitada pelas suas condições históricas e por ela ser impotente diante a própria situação limite, poder-se-ia considerar a destruição completa da existência para ficar permanentemente na Existência, aproveitando a oportunidade de transcender para fora do mundo e não voltar. Porém, ao considerar um estado desconectado da existência e do mundo, a historicidade do ser estará sendo ignorada.

²³ I conceive intellectual alternatives and make generally valid choices favoring one side. Such definitive decisions, simply to be followed in a concrete case, are tempting in their rational clarity, and they are comfortable because they permit me to forgo the historic meditation that involves a hazardous listening to the dark claims of Reality in my concrete situation. I know abstractly what is right, so I need only subsume what occurs to me. The principles obtained are there to relieve me of thinking things all the way through. I am straight and Forceful, but the certainty I have in such action is without self-being. It is a basically negative kind of action, with substantially destructive consequences.

Portanto, a Existência depende da existência. E, como foi visto antes, é na situação limite que a existência cai em ruínas e a Existência surge. Logo, a Existência não se limita à existência. A experiência transcendente entende a existência de uma forma diferente dela mesma. Enquanto ela se define das mais variadas formas, a Existência considera seu “[...] fluxo agitado como o fenômeno do ser [...]” (1932, vol. 2, p. 222)²⁴. Somente a historicidade possibilita a experiência de transcendência clarificar e tocar o ser. Sem ela, a transcendência some.

6. CONCLUSÃO

A tentativa de responder as perguntas sobre o que realmente o homem é está presente na história da filosofia desde o início. A situação limite apresentou-se como uma resposta um pouco diferente. Com esta resposta, a filosofia não traz conhecimento e certeza acerca do ser, mas apenas tenta esclarecer um pouco.

Pode parecer que ela não resolve nada. Talvez isso seja verdade. A filosofia aqui perde, por um lado, seu pedestal de busca que encontra a verdade absoluta, porém ela ainda insiste em transcender. Até que ponto é possível fazer isso sem cair em enunciados metafísicos ou em refúgios da própria situação limite permanece sem resposta. Jaspers parece somente indicar algumas experiências que nos levam ao limite e características da situação limite, mas nenhum jeito de saber se realmente estamos em uma situação limite ou se fundamentamos de alguma forma para nos proteger. Isto porque Jaspers indica que, em certo momento, a aceitação passiva da morte não constitui situação limite, mas depois ele diz que em outra situação, isto constitui situação limite. Esta falta de definição objetiva da situação limite foi explicada anteriormente, porém reforço que o que há no texto de Jaspers são indicativos.

E também, apesar de Jaspers limitar seus exemplos a situações em que algo dá errado, por assim dizer, parece razoável inferir que seria possível que uma situação limite emergisse do amor. Caso alguém tenha uma concepção da vida que envolve um pensamento negativo que as coisas dão errado e que felicidade não é algo para ele, uma experiência de amor poderia muito bem destruir suas bases e fazê-lo questionar sobre seu ser. A tendência de inserir exemplos

²⁴ [...] its restless flux is the phenomenon of being [...]

‘ruins’ parece ser pela cultura atual, na qual todos devemos buscar a felicidade e se algo entra no caminho, deve ser superado com esforço. Dentro desse pensamento, é fácil de entender o motivo da situação limite aparece no sofrimento e na morte.

Por fim, este trabalho se propôs a esclarecer o pensamento de Jaspers sobre situação limite. Uma dificuldade que surgiu foi a dependência da explicação com a experiência da situação limite ou de uma busca por respostas. Parece ser fundamental para entender este pensamento algo no próprio leitor. Algo que não palavras e teorias não podem substituir. Porém, sem dúvida que a leitura pode iniciar um movimento, já que os saltos não obedecem uma sequência fixa. Portanto, apesar de superficial a análise feita aqui, espero que o ajude nesta jornada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

JASPERS, Karl. (1932). **Philosophy**, trans. E. B. Ashton (1969–1971). Chicago: University of Chicago Press (3 volumes). Translated from Philosophie. Berlin: Springer (3 volumes).

JASPERS, Karl. (1965). **Introdução ao pensamento filosófico**. Tradução de Leônidas Hegenberg e Octanny Silveira da Mota. São Paulo: Cultrix, 1993.